

SER BICHA E PROFESSOR: UMA ANÁLISE AUTOETNOGRÁFICA DA CONDIÇÃO SEXUAL GAY E A RECEPTIVIDADE EM CONTEXTOS EDUCACIONAIS SENDO ASSUMIDAMENTE GAY

SILVA. Deni Iuri Soares Candido da,¹

RESUMO: Ser gay e ser assumidamente gay são vivências diferentes, e por serem contextualizadas de formas diferentes, automaticamente a recepção social gerada a partir desses contextos geram experiências distintas em cada sujeito. Considerando isso, no que diz respeito à metodologia, o presente artigo busca discutir por meio de uma autoetnografia as relações, consequências e inseguranças de um professor assumidamente gay em contextos educacionais. Sendo assim, o direcionamento teórico parte de Araruna (2018), e contextualiza-se por meio do *queer* guiado por Louro (2014). Dessa forma, busca-se evidenciar e compreender o percurso identitário de sujeitos subversivos no que diz respeito ao gênero e a sexualidade, e analisar as vivências LGBTQIAP+ nos espaços educacionais. Com isso, fica evidente que a escola além de um espaço de escolarização, também atua como um espaço de educação e acolhimento às diversidades.

PALAVRAS-CHAVES: Gênero; Sexualidade; Educação.

RESUMEN: Ser homosexual y ser abiertamente homosexual son experiencias diferentes, y debido a que se contextualizan de diferentes formas, la recepción social que se genera a partir de estos contextos genera automáticamente experiencias distintas en cada sujeto. Teniendo esto en cuenta, en lo que respecta a la metodología, este artículo busca discutir, a través de una autoetnografía, las relaciones, consecuencias e inseguridades de un profesor abiertamente gay en contextos educativos. Así, la dirección teórica proviene de Araruna (2018), y se contextualiza a través del *queer* guiado por Louro (2014). Así, buscamos resaltar y comprender la trayectoria identitaria de los sujetos subversivos en materia de género y sexualidad, y analizar las experiencias LGBTQIAP + en los espacios educativos. Así, es evidente que la escuela, además de ser un espacio escolar, también actúa como un espacio de educación y acogida de las diversidades.

PALABRAS CLAVES: Género; Sexualidad; Educación.

¹ Formado em Letras (português e espanhol), Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, campus de Foz do Iguaçu. Possui segunda licenciatura em Pedagogia, UNINTER. Especialista em Ensino de Língua Portuguesa, FAVENI. Concluindo especialização em Gênero e Diversidade na Educação, UNILA. Mestrando em Literatura Comparada, UNILA.

INTRODUÇÃO

Início o presente trabalho informando que a metodologia escolhida para desenvolver a presente pesquisa é autoetnográfica. Considera-se que o objetivo central do presente trabalho busca compreender, dialogar e contextualizar a recepção de um professor assumidamente *gay* em contextos educacionais, levando em consideração todo o percurso que se tem memória da busca por uma identidade. Por esse motivo, optou-se em desenvolver um trabalho com metodologia autoetnográfica.

Sobre a autoetnografia, Santos (2017), ressalta que durante a década de 80, vários pesquisadores de diferentes áreas já se utilizavam da presente metodologia, porém, não nomeavam como uma pesquisa autoetnográfica. Ainda nesse período, mais para o final, o termo começou a ser vinculado as pesquisas de interação íntima “Eu” com o objeto de análise “social”.

Nesse sentido, Araruna (2018), utilizou-se da metodologia autoetnográfica para construir um importante debate sobre identidade de gênero e sua autoafirmação nos espaços urbanos, com isso, informo que a grande inspiração para as seguintes discussões que serão feitas neste artigo, parte da identificação com a pesquisa de Araruna (2018).

Ao mesmo tempo, vai de encontro com a necessidade de me colocar enquanto sujeito e protagonista das vivências dos muitos trabalhos que discutem condição sexual e os obstáculos do cotidiano, porém, sempre se utilizam unicamente de uma metodologia bibliográfica ou outras.

Dessa forma, acredito que a autoetnografia também vai de encontro com um padrão acadêmico, onde colocar-se no trabalho científico enquanto objeto de análise nem sempre é bem aceito na academia.

De acordo com Santos (2017, p. 221):

[...] a autoetnografia é um método de pesquisa que: a) usa a experiência pessoal de um pesquisador para descrever e criticar as crenças culturais, práticas e experiências; b) reconhece e valoriza as relações de um pesquisador com os “outros” (sujeitos da pesquisa) e c) visa a uma profunda e cuidadosa autorreflexão, entendida aqui como reflexividade, para citar e interrogar as interseções entre o pessoal e o político, o sujeito e o social, o micro e o macro.

Nesse sentido, ressalto que as narrativas compartilhadas neste trabalho, podem caracterizar-se como de um passado consideravelmente distante, e, ao mesmo tempo, um passado mais recente, pois a construção da condição sexual levou certo tempo, concomitantemente a experiência docente enquanto um professor assumidamente *gay* caracteriza-se como mais recente.

Trago para o presente trabalho a minha própria condição sexual, o meu processo de identificação enquanto *bicha* e as minhas experiências/angústias enquanto professor e *gay*.

Enfatizo que no decorrer do trabalho aparecerá tanto o termo *gay* quanto o termo *bicha*. Compreende-se *bicha* como um processo de resistência ao heteronormativo e a ressignificação do termo antes visto como um adjetivo desqualificador, mas que com o passar do tempo, pode-se utilizar como um ato de resistência/político, ou seja, não mais depreciativo. Recomendo assistir o documentário *Bichas* disponível no *youtube*², para compreender o processo de ressignificação do termo *bicha*.

Dessa forma, ademais da introdução, o artigo está dividido em: a) em busca de uma identidade, onde será relatado o percurso da identificação com a condição sexual homossexual. Também é válido destacar que a questão da identidade sexual é um processo subjetivo e que não a defino como um estado único ou estático; b) ser *gay* em um contexto educacional. Nesta seção, compartilharei expectativas e experiências no percurso de formação profissional e algumas angústias que já surgiam levando em consideração a minha possível atuação futura; c) intersecção do ser *gay* e ser professor, buscando exemplificar criticamente a forma como a recepção de um sujeito com atitudes subversivas pode e causa estranhamento, e algumas observações e reflexões que fazem com que percebemos que os nossos corpos também não são bem-vindos nesses espaços; d) considerações finais, breve discurso sobre as reflexões propostas durante o trabalho, ao mesmo tempo, um espaço de compartilhamento de novas possibilidades de atuação docente em relação ao gênero e sexualidade.

² Link <https://www.youtube.com/watch?v=0cik7j-0cVU&t=25s> acessado em 17/04/2021.

EM BUSCA DE UMA IDENTIDADE

Início a presente seção justificando os motivos pelos quais me nomeio *bicha* e não unicamente *gay* como já tenho me apresentado no presente trabalho. Sempre consegui compreender o ser *gay* como uma condição diferente do ser *bicha* (socialmente). Ressalto aqui também, a necessidade de pensar um pouco sobre a terminologia mais adequada, pois, usualmente nas áreas de estudos de gênero e sexualidade, utiliza-se, quase por regra, o termo “orientação sexual” quando o direcionamento é sobre sexualidade e afetividade, porém, ressalto que me sinto mais confortável em utilizar o termo “condição sexual”. Compreendo que orientação vem da ação de ser orientado, nesse sentido, enfatizo que minha sexualidade em todos os meios que habitei sempre foi orientada a ser um sujeito heterossexual, porém, como disse anteriormente, minha condição sexual se mostrou diferente da minha orientação. Por esse motivo, utilizo o termo condição sexual para falar de sexualidade e afetividade, pois me parece mais adequado.

Sobre o termo *bicha*, segundo Trevisan (2018, p. 95) “[...] É verdade que entre os brasileiros, lhe pareceu muito acentuada a divisão de papéis sexuais, com uma clara hierarquia que submete a *bicha* (passivo) ao *bofe* (ativo)”, porém, atualmente a compreensão do termo *bicha* está ressignificado, e não apenas ligado ao papel desenvolvido no ato sexual.

No quarto ano, insultos homofóbicos – como chamar outro menino de “bicha” – já se tornaram comuns entre os meninos, que aprendem, em sua maioria, que essa palavra expressa hostilidade antes mesmo de aprenderem sua conotação sexual: (CONNELL, PEARSE, 2015, p. 57).

Nesse sentido, entre os meus pares de discussão sobre gênero e sexualidade, sempre ficou muito claro que ser *bicha* é um enfrentamento ao ser masculino. Digo isso, pois a sociedade compreende em alguns momentos que ser *gay* talvez não te torne menos homem, porém se na sua subjetividade for apresentada qualquer traço feminino (ou afeminado) conseqüentemente você será julgado como menos homem.

[...] Assim, a rejeição poderá ocorrer a partir de quaisquer atributos – corporais, gestuais, comportamentais ou emocionais – que possam ser relacionados tanto ao estereótipo da bicha, em seu exagero, quanto ao que é

comumente atribuído ao lugar da mulher (SANTIAGO, CASTELLO, RODRIGUES, 2017, 165).

Nesse sentido, a autoafirmação em ser *bicha* questiona e vai de encontro com a masculinidade, pois acreditamos que ter X, Y ou Z traço, não define o seu nível de masculinidade. Por esse motivo, utiliza-se determinada terminologia, pois é uma forma de apropriação de um termo que sempre foi e é utilizado para diminuir ou aferir o grau de masculinidade de um homem (TREVISAN, 2018).

Para além da significação de ser *Bicha* em Trevisan (2018), pois temos que levar em consideração o contexto e o momento em que a obra foi construída, dessa forma, para além das décadas de 80/90, mas ainda na atualidade (depois de 2010 até o momento), ser *bicha* e se autoafirmar enquanto sujeito *bicha*, causa alguns estranhamentos e enfretamentos, sejam na sociedade de modo geral, ou até mesmo no próprio meio *LGBTQIAP+*, pois ainda não temos um consenso em relação ao uso do termo *bicha*.

A *bicha* ainda é muito inferiorizada pela sociedade tradicional e conservadora, portanto, reforça-se a necessidade da batalha pelo reconhecimento de igualdade e respeito. A palavra, que inúmeras vezes é utilizada para humilhar e ofender os homossexuais tidos como efeminados ou sexualmente passivos, passa hoje por uma revolução semântica que lhe permite não carregar teor de ofensa ou diminuição, mas encarregar de propriedade o indivíduo que a recebe, proporcionando-lhe até orgulho. Quanto ao ofensor, esse não possui mais poder sobre o ofendido, pois o segundo já não existe, ele perde o seu domínio e dessa forma não atinge a quem quer atingir. (FREITAS, SILVA, 2016, p. 9)

Ou seja, é importante enfatizar alguns pontos sobre o uso do termo *bicha*, pois ressignificar o termo antes depreciativo e relacionado ao ato sexual passivo do ser *gay*, não caracteriza como uma depreciação por relacionar ser *bicha* com ser passivo (no ato sexual), ou ser afeminando. Muito pelo contrário, utilizar o termo *bicha* também é sentir orgulho das nossas condições e opções (quando são opções) e possibilitar que o *bicha* também circule por espaços antes inimagináveis.

Feita algumas considerações, não superficiais, mas de fundamental importância para a compreensão de todo o processo de identificação que ocorreu durante o meu percurso até o momento, agora, tentarei de forma crítica desenvolver uma linha de raciocínio levando em consideração o processo pelo qual passei até

conseguir me identificar enquanto um sujeito com atitudes subversivas no diz respeito ao gênero e a sexualidade.

A marcação pode ser simbólica ou física, pode ser indicada por uma aliança de ouro, por um véu, pela colocação de um *piercing*, por uma tatuagem, por uma musculação “trabalhada”, pela implantação de uma prótese... O que importará é que ela terá, além de efeitos simbólicos, expressão social e material. Ela poderá permitir que o sujeito seja reconhecido como pertencendo a determinada identidade; que seja incluído em ou excluído de determinados espaços; que seja acolhido ou recusado por um grupo; que possa (ou não) usufruir de direitos; que possa (ou não) realizar determinadas funções ou ocupar determinados postos; que tenha deveres ou privilégios; que seja, em síntese, aprovado, tolerado ou rejeitado. (LOURO, p. 86, 2016)

Louro (2014), em sua obra intitulada “Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista”, aborda de forma muito clara alguns questionamentos já mencionados nesse trabalho, tais como: a representação da homossexualidade em um espaço de comum convívio e seus impactos na construção da identidade individual de cada ser.

Há ainda uma difícil barreira de sentido a superar: para que um/a jovem possa vir a se reconhecer como homossexual será preciso que ele/ela consiga desvincular gay e lésbica dos significados a que aprendeu a associá-los, ou seja, será preciso deixar de percebê-los como desvios, patologias, formas não naturais e ilegais de sexualidades. Como se reconhecer em algo que se aprendeu a rejeitar e a desprezar? Como, estando imerso/a nesses discursos normalizadores, é possível articular sua (homo)sexualidade com prazer, com erotismo, com algo que pode ser exercido sem culpa? (LOURO, 2014, p. 87)

Com o propósito do presente trabalho, tive que refletir muito sobre tudo aquilo que gostaria de compartilhar e ter o cuidado/compromisso com as informações e relatos que iria abordar, afinal de contas, toda pesquisa necessita de comprometimento, porém para uma autoetnografia senti que esse comprometimento enquanto pesquisador deveria ser feito de forma mais minuciosa.

Nesse sentido, ainda sobre a citação de Louro (2014), fez com que eu refletisse sobre o meu percurso de identificação e “superação”. É curioso perceber o uso da palavra “superar”, pois sempre me causa a reflexão se é possível superar por completo as sensações negativas atreladas ao gênero e a sexualidade, vivendo no contexto em que vivemos.

A partir de determinado momento, soube que era diferente e que meus desejos afetivos e sexuais - ressalto para o uso do termo “afetividade” também, pois nem todos os desejos são unicamente sexuais – fugiam de uma normatividade aceita, afinal de contas, por mais desejo afetivo/sexual que sentisse, nunca tive a coragem de verbalizar os meus desejos ainda quando menor.

Venho de uma família tradicionalmente religiosa (evangélica e católica) e com isso sempre me foi imposto vários limites, entre eles, os limites da sexualidade/afetividade.

Ainda enquanto criança é muito duro perceber que a sua sexualidade/afetividade não faz parte daquilo que é aceito socialmente. Ter a consciência cotidiana que não pertencer ao sistema heteronormativo – ou seja, ser e ter atitudes socialmente aceitas em relação ao campo da afetividade e sexualidade (SEFFER, 2013) – pode causar desprezo nas pessoas que você ama, pois, os discursos e posicionamentos dentro de casa sempre foram muito bem determinados em relação à homossexualidade.

As preferências de gênero extrapolam uma simples escolha, pois ao posicionar-se contra o que está posto, o sujeito se posiciona contra um sistema historicamente construído por um viés binário em que ou se é homem e todas as suas preferências devem ser direcionadas para objetos, comportamentos e gostos que são socialmente construídos como sendo do gênero masculino; ou se é mulher e, da mesma forma, se aceita e apropria a “maneira correta” de “ser” dentro da sociedade. Portanto, escolher só é socialmente aceitável se as opções correspondem ao que está definido como adequado para o sexo biológico desse sujeito, quando isso não ocorre, este é enquadrado como “anormal”, tratado e discriminado como não pertencente à mesma sociedade que os sujeitos que atendem aos padrões heteronormativos. (JESUS, MARTELLI, 2017, p. 26)

Novamente, voltando com Louro (2014, p. 87), como “[...] desvincular gay e lésbica dos significados a que aprendeu a associá-los”? Como que um jovem/adolescente vai conseguir perceber que o que ele sente não é uma abominação se é o convívio social dele que determina o que é ou não é abominação?

O religioso nunca conseguiu me abraçar por completo, pois aos treze me batizei na espeça de ser curado. Havia essa promessa. Existia essa ideia de nova criatura. Porém, logo após a cerimonia religiosa, pude perceber que os desejos não haviam ido embora. A cura prometida nunca chegou até a mim.

Já nos espaços escolares, Ensino Fundamental II e Médio, sempre consegui perceber quais eram os espaços que poderia ocupar e quais espaços não foram feitos para o meu corpo, um corpo de um homem com atitudes ditas femininas.

No reino do simbólico, os meninos também reivindicam poder. Eles tratam as meninas como fonte de contaminação ou poluição, por exemplo, ao chamarem meninos considerados inferiores de “meninas” ou empurrá-los para espaços ocupados por meninas. (CONNELL, PEARSE, 2015, p. 56)

Como mencionado por Louro (2014), anteriormente, o “superar” chegou unicamente já aos dezenove anos no primeiro ano do curso de Letras na universidade. Foi o primeiro lugar que tive contato com pessoas de outros lugares, que pensavam de diferentes formas, sobre diferentes assuntos e pude perceber que existia uma “felicidade” ou um propósito para se estar vivendo uma vida.

A construção de uma identidade *gay/bicha* não é um processo fácil. A verbalização e aceitação não são condições simples quando o assunto é ser *gay*. Não tem como dizer que é fácil ser *gay* em um conjunto de pessoas com um olhar muito negativo sobre o seu ser.

As estatísticas comprovam que ocorrem diariamente manifestações e atos de violência e preconceito com relação a pessoas devido questões relacionadas ao gênero e sexualidade. No ano de 2016, segundo a reportagem do jornal americano *New York Times*, o Brasil foi considerado o país mais perigoso para homossexuais; e segundo o jornal *Exame*, cerca de 1,6 mil pessoas foram mortas no Brasil por razões homofóbicas³.

Tais estatísticas comprovam a necessidade de se discutir essa questão nas universidades, nas escolas, na sociedade, nas instituições de formação humana, pois a consciência e a compreensão, assim como o respeito pelo outro, a capacidade de viver a alteridade precisa ser desenvolvida e propagada.

SER GAY EM UM CONTEXTO EDUCACIONAL

³ Brasil é o país mais perigoso para homossexuais, diz NYT. In: Exame, 2016. Disponível em: <https://exame.com/brasil/brasil-e-o-pais-mais-perigoso-para-homossexuais-diz-nyt/>
Acesso em: 23 de maio de 2021.

Cursar Letras surgiu como uma possibilidade no terceiro ano do Ensino Médio. Lembro-me de perguntar ao meu professor de uma disciplina específica no Ensino Médio, como era o curso de Letras na universidade. Ridiculamente ele me responde que o curso de Letras era conhecido como o curso “rosa” da universidade. Perguntei o porquê e ele automaticamente reproduziu um trejeito afeminado. Naquele momento entendi o que ele estava querendo dizer. Aquele comentário me causou muito mal, tanto que fiquei por meses relutando a ideia de cursar Letras, pois não queria fazer parte daquele grupo. Ao mesmo tempo em que tinha problemas internos em relação a minha identidade e vida sexual/afetiva, pensava que não poderia estar em um lugar que reforçaria a possibilidade de ser *gay*.

Finalmente entrei para o curso de Letras, passei no vestibular, porém ainda não assumido, comecei a perceber que de fato o curso era frequentado majoritariamente pelo público feminino (cis)⁴. Com o decorrer do curso, pude estabelecer alguns diálogos sobre o fato pelo qual ser majoritariamente feminino (cis) e consigo compreender que é a reprodução de um comportamento social, pois o espaço de cuidar e educar, ainda na atualidade, é atribuído ao papel da mulher (cis).

Após me assumir e me identificar enquanto um homem *cis gay* e estar cursando Letras, comecei a problematizar o meu processo profissional, ou seja, como seria minha atuação? Como seria a minha abordagem dentro de uma sala de aula? Inicialmente pode parecer uma besteira aos olhos de muitos, mas na prática a gente que é LGBTQIAP+⁵ e visualmente é notado como *queer*⁶, sabe que a abordagem e a receptividade dos alunos acontecem de formas diferentes.

Comecei a me questionar se eu poderia ser eu ou se teria que criar um personagem para ministrar minhas aulas. Será que devo sorrir? Terei que melhorar minha postura, pois quem irá contratar um professor *gay*? Agora que vou me tornar professor, terei que andar mais duro e demonstrar menos minha feminilidade?

⁴ Segundo Jesus (2012, p. 14) “Conceito “guarda-chuva” que abrange as pessoas que se identificam com o gênero que lhes foi determinado quando de seu nascimento.”

⁵ Sigla que faz referência as pessoas lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, travestis, transgêneros, queer, intersexuais, assexuais, pansexuais e outras classificações.

⁶ Segundo Jesus (2012, p. 16) “Termo ainda não consensual com o qual se denomina a pessoa que não se enquadra em nenhuma identidade ou expressão de gênero.”

Não seguir a norma que está posta é o que faz com que o sujeito afeminado, ao ser percebido como diferente, seja tratado também como diferente, e não estamos falando de uma simples diferenciação, causada pelo talvez “necessidade social” de definir se é menino ou menina, homem ou mulher, mas, sim, de um movimento de discriminação e violência que atinge severamente as pessoas que não atendem a essa heteronormatividade. (JESUS, MARTELLI, 2017, p. 25)

Como mencionado anteriormente, a gente sente os julgamentos pela forma como as pessoas nos tratam e pelos olhares que nos cercam nos espaços que ocupamos. No último ano de Letras tivemos os nossos estágios e minha única preocupação era: como demonstrar segurança e autoridade em uma sala onde os alunos já não me veem como o seu professor, mas sim como estagiário e ao mesmo tempo *bicha*?

Ser aceito e aceitar-se são duas construções muito próximas, porém, podem ocorrer em momentos diferentes na vida do sujeito *queer*. Durante essa construção os momentos de dor e sofrimentos são extremamente frequentes, vestir uma roupa, que é algo tão comum a todos nós, passa a ser uma difícil decisão. Vestindo a roupa que mais lhe agrada o sujeito *queer* sofre o julgo externo e até mesmo pode ser violentado por esta escolha, ao vestir o que a sociedade impõe, o sofrimento também acontece, uma vez nega a identidade que ele criou de si. (JESUS, MARTELLI, 2017, p. 31)

Tive muita sorte em todo o meu processo de estágio, encontrei professoras e professores regentes que me passaram segurança e me deram a liberdade enquanto avaliador das atividades que estava ministrando, dessa forma, os alunos também me viam como professor e que estavam sendo avaliados. Tive o prazer e a segurança de ter um professor *gay* como regente, por mais que os alunos não o percebam assim, pois ele não é afeminado, consegui perceber que talvez eu desse certo nesses espaços.

INTERSECÇÃO DO SER GAY E SER PROFESSOR

Minha atuação como docente iniciou-se no cursinho pré-vestibular da própria universidade onde cursei minha primeira graduação. O público/alunado dos cursinhos é diferente do público do dia a dia, da sala de aula. Sempre consegui lidar muito bem com as metodologias mais expositivas e aulas mais dinâmicas dos cursinhos. Não existe uma preocupação se estou demonstrando minha identidade

enquanto sujeito *queer*. Minha única preocupação sempre foi se a metodologia e o conteúdo estão de acordo com o aquilo que estou me propondo realizar.

Contudo, diferentemente da minha atuação em uma sala de aula mais tradicional e em espaços privados, pois sempre me senti na obrigação de suprir uma expectativa criada em relação ao meu desempenho profissional, e quando menciono os espaços privados, problematizo a seguinte questão: quem vai contratar um professor assumidamente *gay*?

Após formado, tive que procurar emprego, e os questionamentos relacionados ao ser *gay* começou pelas redes sociais, pois pode parecer um pouco estranho, mas automaticamente, comecei a me reprimir sobre o conteúdo que estava compartilhando em minhas redes. Mesmo sabendo que o que fazia não era errado, tinha o receio de deixar de ser contratado por saberem que eu sou abertamente *gay*.

Ao mesmo tempo que sinto muito orgulho por ser quem sou, sinto-me profundamente magoado por ter receio de me posicionar sobre certos assuntos publicamente, pois sei que estou sendo monitorado cotidianamente. Uma preocupação que não tinha antes de me formar.

Ser professor e *gay* é um processo de resistência diária, pode parecer vitimismo, pois sempre ouvimos que somos vitimistas e “mimimi”⁷, porém, quem está no campo educacional sabe que ser “viado” é um adjetivo desqualificador. Digo isso, pois, todos os dias e em vários momentos os alunos utilizam o termo “viado” numa tentativa de diminuir a masculinidade do outro. Ninguém quer ser “viado”, mesmo sabendo que seu professor é assumidamente *gay*. Com isso, às vezes na tentativa de ofender o colega, o “viado” como adjetivo desqualificador sai “sem querer”. Na sala sempre fica o silêncio, pois sabem que na minha presença esse comportamento é inadmissível, porém, sei que na minha ausência o ser “viado” ainda é utilizado como termo para menosprezar/diminuir o outro.

Todo começo de ano é a mesma história, turma nova, novos alunos e o mesmo questionamento: Professor você namora? Você é casado? E essa aliança no seu dedo? Você tem uma namorada?

Entre os vários momentos que sou questionado, houve um momento que me causou um certo desconforto, pois sabia que os alunos estavam sendo maldosos, levando em consideração que já haviam descoberto que eu tinha um relacionamento

⁷ Quando associado aos campos do gênero e sexualidade, pode-se compreender como um processo de minimizar a relevância dos discursos da comunidade LGBTQIAP+.

com outro homem, porém, ou queriam ouvir da minha boca a afirmação, ou estavam querendo saber se eu tinha a coragem de ser “viado” na sala de aula também.

-“Professor, você é casado?”

- Não! Não sou casado.

Nesse momento o aluno voltou para sua carteira. Senti que ele não tinha coragem de perguntar o que gostaria, mas não demorou muito, voltou encorajado por seus colegas.

- “Então... Você tem uma namorada?”

- Não! Não tenho uma namorada.

- “E essa aliança no seu dedo?”

- Tenho um namorado!

E foi nesse momento que ele ficou sem reação, não sabia mais o que perguntar e sinto que posso dizer que se arrependeu de ter feito a curiosa pergunta. Lá no fundo da sala, pude perceber que seus colegas davam risadas pelo ocorrido. Voltei-me para o aluno e perguntei:

- Mais alguma pergunta?

Ele sem graça disse que não e foi se sentar. Depois desse ocorrido, tive que retomar minha concentração e focar na minha aula, pois “sair do armário”⁸ é uma ação que faz parte do meu cotidiano no ambiente escolar, e quase sempre causa desconforto.

Dessa forma, deixo aqui o seguinte questionamento: você, professor, heterossexual, quantas vezes já mencionou a sua sexualidade em sala de aula? Quantas vezes a sua sexualidade já foi uma questão durante as suas aulas?

As simples decisões cotidianas são muito mais complexas para o sujeito *queer*, pois cada ato é uma busca de liberdade de viver conforme suas identificações, ou seja, ora preferir o masculino, ora o feminino, ora ambos. Ao seu entorno, os sujeitos tidos como “normais” tendem a julgar, criticar, e discriminar cada um desses atos, como se, ser diferente fosse sinônimo de ser nocivo ou até doente. Já imaginou sendo questionado por cada roupa que veste? Cada palavra que fala? Cada decisão que toma? (JESUS, MARTELLI, 2017, p. 31)

Já tive colega de trabalho vindo me falar que aluno X foi perguntar para ele, se ele sabia que o professor novo (no caso eu) era LGBT⁹ e se isso era permitido. Automaticamente dou risada, mas sei que essa dúvida do aluno X é muito

⁸ Assumir-se ou identificar-se enquanto pessoa LGBTQIAP+.

pertinente, por mais preconceituosa que possa ser, automaticamente é a reprodução dos discursos que o sujeito *queer* convive cotidianamente. É possível ser *gay*?

Entre os colegas de profissão não é muito diferente da realidade da sala de aula, pois é perceptível a mudança de comportamento e o desconforto que causo nas pessoas. O homem cis hétero “desconstruído”¹⁰ acha que ser descolado é ter um amigo/colega “viado”, conseqüentemente, acha também que ser homem *cis* hétero afeminado e engraçado é a demonstração de evolução, pois em vários momentos e em todos que ele tiver oportunidade, usará trejeitos afeminados para fazer as pessoas rirem, mesmo ele não sendo um homem *cis gay*. As pessoas acham engraçado um homem *cis* hétero “bem resolvido” falar para outro homem *cis* hétero “bem resolvido” qualquer coisa que não faça parte de um processo padrão, tipo: “Vamos se beijar”; “Você está muito sexy, hoje”.

A grande questão de ser abertamente *gay* no campo educacional tem relação com a terminologia apresentada no início do trabalho, o termo orientação. Socialmente construído, temos um olhar para o professor como um “exemplo” ou “espelho” de boas maneiras, porém, quando se tem um professor que foge dos padrões aceitos, automaticamente você não será bem visto, pois o ideal é seguir o padrão. Quem vai querer ter um professor *gay*, quando se sabe que ser *gay* – socialmente – não significa algo bom?

Novamente, pode parecer vitimíssimo, entretanto: Por que censurar *HQ* com cena de beijo *gay*? Por que não podemos falar/discutir sobre diversidade e respeito na sala de aula sem o receio de ser processado? Por que tenho propostas de redações que trabalham com temáticas de diversidade censuradas?

Talvez na teoria o discurso em alguns espaços seja de “não somos preconceituosos”, mas sabemos que na prática o teórico acaba não sendo aplicado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, o presente trabalho buscou discutir, trazer reflexões partindo de minhas construções, pesquisas e experiências acerca das temáticas de recepção

⁹ Utilizo a sigla LGBT e não LGBTQIAP+, pois foi dessa forma que o diálogo foi construídos, dessa forma, busco ser o mais transparente possível.

¹⁰ Sujeito em processo de desconstrução, construção e reconstrução no que diz respeito as relações interpessoais.

aos docentes assumidamente *gay*, assim, evidenciando os enfrentamentos/desafios de ser assumidamente *gay* nos espaços educacionais.

É válido ressaltar que, ao mesmo tempo em que o processo de ser assumidamente *gay* nos espaços educacionais pode ser desafiador perante aos alunos, coordenação, direção e pais, há também momentos de ótima receptividade. Digo isso, pois, percebo também nas reações positivas que os alunos têm ao saberem que tem um professor assumidamente *gay*.

Ainda assim, o que me incomoda, às vezes, é ser tratado como exótico, diferente, porém, também reconheço que não é sempre que se tem uma pessoa falando da sua sexualidade homossexual de forma aberta e natural, ainda mais em um contexto educacional, onde somos orientados a não mencionar os temas relacionados à diversidade. Todavia, no meu caso, não tem como não mencionar à diversidade, levando em consideração que sou à diversidade.

Nesse sentido, não tem como me ausentar da minha verdade, pois todas as vezes que me perguntam – e os alunos perguntam – se sou casado, namoro e nome das pessoas com quem convivo, automaticamente tenho que declarar a verdade, e as vezes a verdade não é o que muitos desejam, porém é a minha verdade, é quem eu sou.

Há muito de Paulo Freire (2016) nos meus ideais educacionais, pois sempre que me imagino em um espaço educacional de acolhimento, simultaneamente penso em uma prática docente baseada e tomada de Paulo Freire (2016). Por mais difícil e desafiador que possa ser a minha atuação nas escolas, ainda sim, carrego comigo o ideal de poder transformar vidas por meio da educação.

Quando penso em escola, penso em pluralidade e diversidade de pessoas, e se percebo o plural social, instantaneamente, penso em respeito. Dessa forma, o respeito não pode ser seletivo. Não podemos escolher quem iremos respeitar, levando em consideração apenas os nossos ideais.

O ambiente escolar é um ambiente tradicional e limitador, um ambiente que reproduz a normatividade em sujeitos que nem sempre se enquadram dentro dessa norma. Além de reforçar os estigmas do senso comum, em muitos casos a escola se omite do papel de ser transformadora, de transformar a educação e pela educação.

Não é de hoje que temos o mito de que “[...] cabe à escola apenas ensinar os conteúdos (FERNANDES, 2011, p. 39)”, porém, “além de dar conta do currículo das

disciplinas, também é um espaço de socialização, em que se aprendem regras de convivência e o respeito às diversidades” (FERNANDES, 2011, p. 39). Patrícia Mota Guedes, pesquisadora da Fundação Itaú Social em São Paulo, diz que “não é justo esperar que os pais, cuja maioria tem escolaridade menos que a dos filhos, ensinem a eles todas as habilidades e competências que precisam ser aprendidas ao longo da vida” (GUEDES *apud* FERNANDES, 2011, p. 39). Diante desses apontamentos, de que forma as questões de gênero e sexualidade se apresentam no ambiente escolar? De que maneira o professor pode trabalhar esses temas em sala de aula?

A esse respeito, Louro (2014, p. 126) também questiona “[...] quais as providências ou as atitudes mais adequadas para promover uma educação não discriminatória (ou, no mínimo, uma educação menos discriminatória)”, pois, devemos levar em consideração que “[...] a sexualidade não é algo que possa ser desligado ou algo do qual alguém possa se “despir” (LOURO, 2014, p. 85). Por esse motivo, nós professores devemos abordar esses temas em sala de aula, pois a questão de gênero e sexualidade diz respeito a pessoas, e professores trabalham com pessoas.

Por último, de acordo com Louro (2014), a escola ao invés de ter um papel de desconstruir saberes do senso comum sobre as temáticas de gênero e sexualidade, acaba reproduzindo ações e discursos de opressão. Com base nesses apontamentos, percebe-se que a escola é um espaço de socialização e construção de conhecimento científico e, quando cito o conhecimento científico, também incluo a construção do conhecimento científico sobre gênero e sexualidade.

REFERÊNCIAS

ARARUNA, Maria Leó Fontes Borges. **O Direito à Cidade em uma Perspectiva Travesti**: uma breve autoetnografia sobre socialização transfeminina em espaços urbanos. *Periódicus*, Bahia: p. 133-153, 2018.

CONNELL, Raewyn; PEARSE, Rebecca. **Gênero uma Perspectiva Global**: compreendendo o gênero - da esfera pessoal à política - no mundo contemporâneo. São Paulo: NVersos, 2015.

FERNANDES, Elisângela. **Ideias que jogam contra o ensino**. Nova Escola, ano XXVI, nº 240, março 2011. p. 36 – 43.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

FREITAS, Elizama de Lima; SILVA, Joicy Eleiny. **Ressignificação enquanto ferramenta de autoafirmação através da perspectiva da bicha.** In: XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, 2016.

JESUS, Atair José Bernardino de Jesus; MARTELLI, Andréa Cristina. **“Afeminada”:** a construção da identidade de sujeitos. Travessias, Cascavel: v.11, n.1, p. 24 – 38, 2017.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Orientações sobre a população transgênero: conceitos e termos:** Guia técnico sobre pessoas transexuais, travestis e demais transgêneros, para formadores de opinião. Brasília: Autor, 2012. 23 p. Disponível em: <https://www.sertao.ufg.br/up/16/o/ORIENTA%C3%87%C3%95ES_POPULA%C3%87%C3%83O_TRANS.pdf?1334065989>. Acesso em: 02 de maio de 2021.

LOURO, Guacira Lopes Louro. **Gênero, sexualidade e educação:** uma perspectiva pós-estruturalista. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

_____, Guacira Lopes Louro. **Um corpo estranho:** ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

SANTIAGO, Anderson Cacilhas; CASTELLO, Naiara Ferreira Vieira; RODRIGUES, Alexsandro. **Bichas destruidoras mesmo:** construindo uma viada bem Afeminada. Periferia, v. 9, p. 156-180, 2017.

SANTOS, S. M. A. **O método da autoetnografia na pesquisa sociológica:** atores, perspectivas e desafios. Plural, São Paulo: v. 24, p. 214-241, 2017.

SEFFNER, Fernando. **Sigam-me os bons:** apuros e aflições nos enfrentamentos ao regime da heteronormatividade no espaço escolar. Educação e Pesquisa (USP. Impresso), v. 39, p. 145-159, 2013.

TREVISAN, João Silvério Trevisan. **Devassos no Paraíso:** a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.